

III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

PERCORRENDO OS CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE JUSSARA NA DÉCADA DE 1940 E 1950 E COMO O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL CONTRIBUI PARA OS ALUNOS SE IDENTIFICAREM NESSA HISTÓRIA

Ana Paula Alves de Oliveira¹

Universidade Estadual de Goiás

Jussara, Goiás, Brasil

anapaula_alves123@hotmail.com

Resumo: A proposta deste artigo tem como função situar o leitor sobre o processo de construção da história da cidade de Jussara Goiás dos anos de 1940-1950. Na qual através das reminiscências das primeiras famílias se busca preservar a história. Devido à questão da própria história de Jussara está por assim dizendo se “perdendo no tempo”. Assim levantaremos discussões a respeito de como os professores de história, devem trabalhar a concepção de identidade a partir da história local nas salas de aulas. Para que isso acontecesse é, necessário entrevistas com os moradores mais antigos e dos familiares dos pioneiros da cidade. Isso porque são a partir das narrativas de vidas dessas pessoas que podemos enquanto pesquisadores do passado reconstruir e transmitir para as pessoas que não conhecem a história local jussarenses os motivou que os levou a deixar a Bahia em busca das tais novas oportunidades. Além de destacar o papel preponderante que os tais “vistos de baixo” não são mencionados na construção da cidade, focalizando somente no mito do Estevão Fernandes Rebouças.

PALAVRAS-CHAVE: História local de Jussara. Ensino de História Local. Identidade.

Quem nunca se lembrou de fatos do passado e se sentiu alegre? Ou simplesmente tentou esquecer algo que marcou sua história? Algo que o indivíduo acaba negado como forma de apagar da memória. Num momento de descontração com amigos e familiares, esses fatos são lembrados e revividos. São através de momentos como estes de cunho coletivo ou não, que fazemos do passado cada vez mais presente em nossas vidas, seja ele de modo

¹ Graduando 3º ano / Bolsista PIBID

positivo ou negativo, que sempre acaba por ser lembrado e que você luta para repreendê-lo no seu subconsciente.

“A memória encontra-se registrada em nosso corpo, fala, lágrima, risos, desabafos, momentos de partida e chegada. A partir daí vamos construindo acervos, garantindo o futuro por meio daquilo que selecionamos para lembrar, atos e acontecimentos que tiveram sentidos nossas vidas.” (CAVALCANTI, 2004, p. 55)

Assim as nossas discussões serão norteadas no sentido de buscar a reconstrução da história da cidade, pautando na análise da história oral dos sujeitos que contribuíram para a instauração do então atual município de Jussara. Além de promover uma discussão que nos leve a perceber a importância que o ensino de história local assume neste lugar de fala da história de Jussara.

Devido às dificuldades sociais que enfrenta a história da construção de uma identidade do povo jussarense é necessário entender como o ensino de história lida com essa necessidade de lutar para preservar e reviver o passado. Como forma de entender a realidade do município que se iniciou por volta da década de 1940 com a vinda das primeiras famílias do estado da Bahia com intuito de fugir da seca e em busca de novas oportunidades em uma nova terra.

Dessa maneira a investigação dá história cidade de Jussara sofre com as ações do tempo de modo negativamente. A essência da preservação da formação enquanto município está de modo esquecido. O passado da formação da cidade está preso no âmbito familiar dos pioneiros das cidades. Isso devido à formação educacional e familiar, desses indivíduos que presenciarão todo o processo histórico, ou simplesmente são herdeiros dessa geração de pioneiros. Por ser uma cidade do interior goiano ainda se tem muito o caráter do simplismo, da ingenuidade. Não se há muito a ideia de se expressar, de deixar transparecer seu sentimento, das suas experiências vividas.

Esse problema existe no sentido de que a memória coletiva, transmitida principalmente no âmbito familiar como afirma Pollak (1992). Permanece presa principalmente entre os mais idosos das famílias. A história acaba que presa e pouco divulgada até mesmo dentro da própria família. Um problema que resulta da morte literalmente do passado da formação cultural e social de uma família e que nesse sentido se relaciona no processo histórico da cidade.

Dessa maneira o processo de entendimento dessa reconstrução da história local da cidade de Jussara, se constrói basicamente através da fonte oral, pois não há registros escritos

sobre como se deu a viagem destes homens oriundos da Bahia para o então estado de Goiás. Basicamente o que e pode dizer registrado sobre a história de Jussara consiste na ata de fundação do município. Mas não é esse ponto que queremos destacar neste artigo.

Essa nova abordagem da história através da história oral só foi possível graças à Nova História, na qual o homem como centro do objeto de estudo passa a ser compreendido nas suas ações de modo geral. Assim tudo o que o homem produz torna-se história e sua experiências transmitida de forma oral, através das suas reminiscências possibilita entender como o homem se coloca frente a um objeto estudo.

(...) a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. (...) Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira, os gestos, o corpo. (...) O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço(BURKE, 1992, p. 11).

Dessa maneira a Nova História tornou-se um rompimento total com os velhos paradigmas que envolviam a história dos positivistas, na qual se faz da história uma instrumentalização de justificavas de um poder centralizador maior. Uma nova história que surge privilegiando as ações do homem, as tais novas abordagens culturais. Uma história cultural na qual a análise do homem particular torna-se importante, pois o homem é um ser único que o torna singular em relação aos outros. Assim a cultura e a questão de escolha pessoal que cada indivíduo por si escolhe viver. Que por sua vez torna-se possível de estudo, no sentido de romper com os estereótipos da velha história que privilegiava os grandes heróis e personagens centrais da história. A história agora é feita pela particularidade, seja ela da sociedade ou simplesmente do sujeito em si.

Assim o entendimento da história da cidade de Jussara se torna um processo de construção de uma malha de experiências que se entrecruzam com relação ao processo de sua construção. Pois sua história se baseia na vindas de várias famílias do Estado da Bahia, especificamente das cidades de Rio do Antônio, Ibiassuse e Caculé cidades próximas uma das outras. Cada experiência destes personagens que vivenciou e preservou em sua memória através da sua própria seleção natural, afeta na construção da história. Principalmente com relação aos números de dias viajando que varia de 50 dias, 60 e 70 dias, a quantidade de

pessoas que vieram 57 a 65, e o numero de animais que trouxeram na tropa 100 ou 120. Mas esses dados são irrelevantes para o entendimento dessa história.

O que é necessário é tomar cuidado com relação à questão de que cada família irá privilegiar sua participação na história tentando desconstruir a história da outra família. Levando em consideração as palavras “[...] o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele confessa ao exterior. (POLLAK, 1989, p. 8) Nem sempre o que se fala tem sentido no processo construtivo de uma história, cabe ao historiador ler o que está subentendido neste discurso.

Retirando essas dificuldades o processo de construção da história da cidade de Jussara inicia-se na década de 1930 quando as famílias do senhor Estevão Fernandes Rebouças, Antônio de Brito, Limirio Neves da Mota, Dionísio Pereira Machado e tantas outras pessoas, migraram da Bahia rumo ao estado de Goiás. Essas principais famílias saíram da Bahia com intuito de buscar novas perceptivas de melhorias significativas para suas famílias. Visto que uma das grandes dificuldades que enfrentavam eram as grandes perdas das lavouras por causa da falta de chuvas na região, como afirma seu Manoel Rebouças.²

Bem, nós somos descendentes da Bahia. Como talvez vocês não sabem a Bahia é um lugar de pouca chuva, seca e meu pai tinha aquela tendência de lavrador, produtor toda vida. Mas como sempre perdia as lavouras e a notícia de que no estado de Goiás e *bão* de chuva (Manoel Rebouças, 2007).

Notícias essas que chegavam até os pioneiros que ainda moravam na Bahia através de alguns parentes que até então já haviam se mudado para a região próxima a cidade de Itauçu Goiás, uma localidade de terras férteis, com clima agradável para a produção de lavouras. Esse fator foi preponderante para a mudança destas famílias para o estado de Goiás.

Além dessa propaganda feita pelos parentes dos pioneiros sobre as terras do Goiás, teve também um grande impulso na migração brasileira na década de 1930 com a política governamentista de Getúlio Vargas, essencialmente em 1938 com a “Marcha pra o Oeste” na qual se propôs a difusão de ideologias que visassem à povoação da região central e do norte com intuito da propaganda de impulsionar o desenvolvimento da nação brasileira, e para isso

² Filho mais velho do principal pioneiro da cidade de Jussara Estevão Fernandes Rebouças, nascido em 1923 em Caculé Bahia.

acontecer era necessário que houvesse a mudança de pessoas para essas regiões. “A ‘marcha’, rememora a figura do bandeirante, seria continuada pelo Estado Novo que, enfatiza a ideia de uma nação em movimento no sentido da construção de uma nação, que irmanada caminharia rumo ao seu progresso futuro” (PEREIRA, 1997, p.118).

Contudo é digno de ressaltar que a ideia de povoar o sertão como proposto por Getúlio Vargas como medida de impulsionar novamente o centro-oeste com relação aos padrões econômicos nacionais, parte de uma política, na qual passa a englobar um discurso no qual o estado havia caído num esquecimento devido ao fim da produção aurífera. Resultando assim numa diminuição da produção do desenvolvimento nacional. Essa ideologia se baseia numa equívocação, pois a província de Goiás continuou no mesmo ritmo de crescimento juntamente com as outras províncias o que é digno de nota é que Goiás demorou um tempo até se estruturar através de uma economia que lhe mantivesse nos parâmetros da economia nacional.

O ouro foi um precursor para a elevação desse território como província na qual se implantou um grande número de contingentes que viviam a base da exploração do ouro. Essas pessoas por sua vez viviam do ouro, ou seja, se a lavra diminuisse a produção eles se mudavam. Mas havia sujeitos que viviam nesta região de Goiás com base na economia da abastança. Economia essa à base da produção de alimentos suficientes para a sustentação de sua família, o que excedia era comercializado, mas em pequenas quantidades. Esses sujeitos por sua vez foram os grandes responsáveis por manter um processo gradual de ocupação do então sertão de Goiás.

Após essa queda vertiginosa da produção nacional aurífera do ouro no Brasil. Passa-se a pensar em novos processos a fim de desenvolver outros mecanismos econômicos, com intuito de cada vez mais explorar e povoar novas regiões. A nação passa a assumir um discurso do atraso econômico, que por sua vez toma novos rumores com Getúlio Vargas. Que cria um discurso na qual coloca o Brasil num processo de desenvolvimento da “nova nação”.

E através deste discurso ideológico da “nova nação brasileira” que se constrói a partir desta política do Estado Novo que realizou significativas migrações internas no Brasil, com intuito desenvolvimentista. Mas o que está por traz deste discurso além do intuito de povoar essas regiões, corresponde a desenvolver o país economicamente através da implantação do processo industrial nessa “nova nação” que se pretende com o Estado Novo. No Estado Novo, entre 1937 e 1945, materializaram-se as ações políticas econômicas, para aproximar os

estados. Getúlio Vargas queria levar populações e indústrias para o interior, visando sua integração e desenvolvimento.

E para essa concretização foi necessário diminuir as distâncias entre a população brasileira. Ligando por assim dizer o sul do Brasil com o norte, fazendo com que criasse primeiramente um mercado consumidor interno para que futuramente viesse a ganhar espaço no mercado externo.

Em Goiás, o progresso, ou seja, o lento e gradual desenvolvimento do Estado se daria através da superação do atraso, que, segundo o discurso da época, seria possível pela incrementação de novos meios de comunicação, possibilitando a integração do Estado aos centros desenvolvidos do país, pelo desenvolvimento das potencialidades do Estado e ainda, pela superação da mentalidade retrógrada que barrava o caminho do Estado em direção a seu destino (PERREIRA 1997 apud MACHADO, 1990, p.123).

Assim sendo Goiás passa a assumir uma ideologia de que necessitava de investimentos com característica de desenvolver esse sertão que até então estava no seu esquecimento. Várias medidas políticas foram adotadas com intuído de solucionar este problema, mas iremos destacar apenas uma a construção de Goiânia. Nada mais digno de nota que Goiânia passou a assumir esse discurso da inovação, do desenvolvimento visando romper com as práticas das tradições antiquadas, resquícios de um Brasil colonial que necessitava ser superado.

Passou a estar presente nos discursos a ideia de que Goiânia representaria o ponto central, a referência de um movimento profundo que se fazia em busca da nacionalidade. Mais que isso, em busca do fortalecimento do Estado Nacional. Representava esse movimento a confirmação final de que o território desconhecido, isolado, abandonado, poderia ser transformado e ajudar a construir a nova Nação que se pretendia (GARCIA, 2010, p. 154-155).

A partir então da proposta da criação da nova capital goiana com os seus ares de modernidade, visando o desenvolvimento econômico, passou a camuflar as verdadeiras intenções com essa nova capital. O coronelismo na política na antiga capital fez com que o novo governador da província concretizasse o “sonho” de mudanças. Mas não queremos entrar em detalhes sobre este assunto.

O que queremos destacar foi a forma com que se cria uma ideologia desenvolvimentista, numa visão geral nacional, que por sua vez focaliza as regiões centrais desta nação. Fazendo assim com que as ideias pudessem circular de forma mais facilitada a partir da necessidade que o governo cria para incentivar a povoação destas regiões, que agora passa por um momento crítico de criação da sua nova identidade, que por sua vez, requer que novos sujeitos venham para essas regiões como forma de ajudar nesta nova construção cultural.

Através dos pontos levantados que foram preponderantes para a vinda destas famílias para a região da cidade de Itauçu Goiás, basicamente se deu através da comprovação dos fatos narrados pelos parentes que viviam nesta região e também da propaganda política feita na época. Que por sua vez resultou na vinda do seu Estevam Fernandes Rebouças e Hermógenes Pereira da Costa, sogro de Antônio de Brito, para essa região anteriormente a vinda definitiva. Observando de perto o que lhes havia dito nas cartas enviadas para os outros parentes que ficaram na Bahia. Depois destas andanças nesta região de Itauçu retornaram à Bahia e convidaram parentes, vizinhos e amigos para mudarem pra o Goiás. Isso porque eles haviam gostado destas terras e estavam decididos a mudar. Dessa maneira organizaram uma tropa com mais de 50 pessoas e mudaram para o estado de Goiás.

Mas é digno de ressaltar o problema que se encontra nestas narrativas: a questão de quem foi que veio da Bahia para ver de perto essa tão sonhada terra produtiva de que tanto se falava. Foi Estevam ou Hermógenes? Não se sabe ao certo. As fontes orais não nos dão subsídio para entender essa ideologia de quem foi o responsável pela iniciativa da organização da tropa rumo ao Goiás. O que sabemos e que ambas as famílias direcionam essa “verdade” para si, com relação ao pioneirismo da viagem.

Saluciano Brito Neto, neto de Hermógenes Pereira da Costa que presenciou toda a trajetória da viagem da Bahia até a região próxima a atual cidade de Itauçu, demonstra em suas palavras toda uma viagem dificultosa. A principal dificuldade encontrada foi a falta de estradas, o caminho era através de trieiros feitos pelas pessoas e animais que circulavam por estas regiões, na qual passavam, também não havia a existência de pontes para atravessar, era necessária uma canoa. O transporte que existia era apenas o lombo do equino ou a vinham a pé. Segundo Saluciano eles nunca nem tinham visto bicicleta, moto ou muito menos um carro, tudo era realizado através do transporte animal.

[...] muita gente outros vinha de pé, a viagem era longa, foram três mês de viagem, e num *pudia* andar ligeira era devagar *né*, mas *cheguemo* aqui, aí *nóis* posava em lugar muito *difíci*, *nóis* viajava ate 8 dias sem vê ninguém, sem estrada mais era pro trieiro naqueles campos que o povo fala campina, no tempo que tinha muito *viado* gaero, muito bicho, anta, onça, tudo isso *nóis infrentou*, posava em beira de rio que tinha que posar gente com as *inspingarda* rondando o pessoal que tava *durmindo* pra evita de onça, suçuri, e jacaré, que era no barranco do ri, *nóis viajemo* oito dias *berando* o rio corrente, não tinha cidade na beira do ri, *travessemoo ,oh oh oh* , o São Francisco numa cidade por nome de *de Maiada*, [...] é aí *nóis viemo* *acumpanhando* esses tempos todos, quando era *ditardezinha* todo mundo armava as barracas pra *qui* pra li parecia acampamento, é *bunito*, é o povo *acustummo* viajar que não sentia ruim, viajava tranquilo. (Saluciano Brito Neto, 2013).

Viagem esta que não se pode saber ao certo quantos dias durou, mas que segundo Farias (2001) a tropa saiu de Caculé em 19 de novembro de 1940. Essa dificuldade em saber com precisão as datas e dias de acontecimentos passados nos transmite a ideia de que a memória é um mecanismo de versões como afirma Calvacante (2004), na qual o narrador seleciona a matéria que para si torna a verdade, que é a memória.

Essa viagem na qual Manoel Rebouças denomina de que “naquele tempo era uma coisa que hoje é cinematográfica, da maneira que nos viemos” devido a tantas circunstâncias que passaram no caminho, fez com que ao chegar à cidade de Itauçu, local na qual “já tinha gente nosso lá”³ pudesse sentir-se um pouco perturbado devido ao novo lugar de morar, as doenças que alguns passaram a adquirir, levando até a morte. O clima e as terras antagônicos ao qual estava acostumado na Bahia fizeram com que dificultasse a instalação destes indivíduos. O novo sempre e algo que faz a pessoa ficar precavida. Desse modo a família de Hermógenes não se acostumou a essa nova situação na qual se encontravam e decidiram retornar para a Bahia no ano seguinte.

Assim devido a tantas dificuldades para se manter neste solo controverso na qual se encontravam anteriormente, Estevão Fernandes Rebouças passou a viver junto com sua família da plantação de lavouras através do arrendo⁴ da terra na região próxima a Itauçu. Em determinadas épocas do ano vivia do comércio. Vendia produtos nas regiões do garimpo, principalmente em Barra do Garças e Aragarças. Sempre nestas andanças através da rota da linha do telegrafo “então passava por aqui e achava muito boa essa região, estrada não existia não, e *bão* esclarecer isso, a estrada que existia era debaixo da linha telegráfica que existia”

³ Entrevista concedida por Aurelina de Souza Moreira em 23 de outubro de 2012.

⁴ Arrendo quando você não é dono da terra, mas a utiliza fazendo-a produzir e no final da colheita e destinado 20% da produção ao dono da terra ou até mesmo de todo os meios de produção.

(Manoel Rebouças, 2007) Passavam-se então na região do atual município de Jussara e admirava a bela e a fartura de água desta região. Um encantamento aos olhos!

Essa área consistia nas terras devolutas do estado. Na qual por iniciativa própria Estevam Fernandes Rebouças fora até a capital do estado à cidade de Goiânia, requerer uma gleba a fim de fixar-se e cultivar a agricultura. Ganhou as terras, mudou-se de Itauçu passando a viver ali com sua família a partir do ano de 1943, “plantava-se de tudo milho, feijão, arroz, mandioca, banana, até cafezal a gente plantou par sobrevivência da vida”, segundo Manoel Rebouças (2007).

Segundo Hobsbawm (1998) a história deveria ser construída a partir da necessidade de não apenas olhar para uma história, na qual o sujeito em ação são os ditos homens oficiais da história. Uma história na qual denomina “a história vista de baixo”, ou seja, os sujeitos comuns da sociedade, pois a sociedade é construída a partir da particularidade de cada indivíduo, mas que em sociedade formam grupo. Por isso é digo de ressaltar que essas famílias mencionadas até este momento neste artigo foram responsáveis por se aglomerarem nestas terras denominadas atualmente de Jussara. Contudo antes da sua ocupação a região já era habitada por outros sujeitos, que muitas das vezes se tornam ocultos na história de Jussara.

De acordo com a leitura de Farias (2001) demonstra que em suas pesquisas se constatou que a presença do homem branco morador nesta região, começou por volta da década de 1920, na qual era habitada por sertanejos. Dentre eles o pai de Cândido Natividade de Aguiar, que se mudou de Crixás Goiás em busca de garimpos, mas não encontraram. Encontraram somente belezas naturais das matas na qual se encantaram. Essa mudança aconteceu em 1924. Sendo que seu Cândido nasceu em 1927 já nas futuras terras do atual município de Jussara. Anterior a essa data não há registro de sujeitos que fixaram moradias nesta região, mas era uma região de rotas comerciais que ligava a cidade de Goiás ao estado do Mato Grosso.

A terra era uma *belezura*, os *corgo* era *quaiadim de pexe*. E *pexe do bão*, a caça era uma coisa medonha, os bicho vinha na porta, relata seu Candinho emocionado, lembrando-se do pai. Seu pai, senhor Pedro de Aguiar, tratou de espalhar a notícia da terra boa e barata, brincava dizendo que não havia encontrado tesouro em forma de pedras preciosa, mas em forma de terra e água cristalina (FARIAS, 2001, p.28-29).

Uma região de mata virgem que trazia em si problemas quanto ao perigo dos animais, as doenças até então desconhecidas pelo homem, clima e a dificuldade de comunicação com outras cidades com um grau de existência maior que esta gleba em especial. Demorava-se cerca de três a quatro dias em lombo de animal para chegar à antiga capital do estado de Goiás, a cidade de Goiás. Uma carta destinada à cidade de Cuiabá com resposta demorava cerca de um mês para chegar. São problemas que os sujeitos deste período tiveram que enfrentar, a fim de conseguir a tão “utópica vida melhor” para sua família.

O que antes era apenas propriedade familiar da família Rebouças passou-se a ser um aglomerado de famílias entorno da figura do seu Estevão Fernandes Rebouças. Isso porque as famílias conhecidas do seu Estevão começaram a morar nas suas terras e a ajudar no processo de derrubada das matas para fins da plantação de roças. Dessa maneira foram chegando ganhando parcelas de terras. O que antes era apenas uma típica fazenda começa-se a tomar cara de povoação a partir da década de 1950 quando se constrói a estrada que liga a cidade de Goiás a esse povoado. Que atualmente consiste na GO-070 até a cidade de Itapirapuã e BR-070 contando assim o município de Jussara com direção a cidade de Cuiabá Mato Grosso.

A construção dessa estrada acaba que impulsionando o processo de migração de pessoas para esse povoado. Agora há um ponto de destaque com relação a essas pessoas que passam a viver neste lugar. O que tínhamos até agora (1950) eram sujeitos especificamente de uma região do estado da Bahia (Caculé, Rio do Antônio e Ibiassucê), mas com a melhoria da comunicação outros sujeitos puderam sair de outras partes do nordeste através do pau-de-arara, fugindo da seca ou mesmo em busca de melhores satisfações pessoais.

Com o aumento da população, a região assume certo grau de desenvolvimento acelerado, onde a ambição começa a se espalhar entre os moradores. O sistema que anteriormente se baseava no camponês arrendatário na “Colônia Agrícola do Água Limpa” nome do povoado anterior a emancipação de Jussara, passar a ser um trabalhador rural, ou seja, seu serviço prestado passa a ser assalariado. Tendo como principal produto produzido agora o arroz, como forma desenvolvida de crescimento comercial com outras cidades, principalmente a cidade de Goiás. Dessa maneira as lavouras de arroz foram preponderantes para colocar o povoado do Água Limpa em destaque estatal e até mesmo nacional. Ficando conhecida como a cidade do arroz, mas que com o tempo o declínio da agricultura do arroz passou a ser substituída pela pecuária.

O pequeno povoado iniciado próximo as margens do córrego água limpa, impulsionado pela produção das lavouras de arroz. Presencia o progresso econômico e o crescimento populacional, e em 1953 Jussara é agraciada com a autonomia distrital, concedida pela Câmara Municipal de Goiás, através da lei nº 138 de 12 de novembro. Mas o progresso continua, o distrito do “Água Limpa” recebe cada vez mais migrantes e desenvolve-se economicamente, o distrito necessitava de torna-se cidade.

De lá pra cá era município de Goiás. Porque ando surgindo *ai* umas pequenas povoações do vale do Araguaia, inclusive a nossa mais perto. Então, há muita amizade entre meu pai e as principais autoridades de Goiás, políticos, comerciantes, uma espécie de intelectos da cidade. O berço da intelectualidade do estado de Goiás, então, meu pai era bem amigo deles. Bem, aqui era um povo, um povoado o do Água Limpa. Povoado aglomeração de casas e etc. Mas esse povoado transformou-se em distrito de água limpa. Até que foi aumentando, a população foi aumentando e em 1958, foi elevada a categoria de município. (Manoel Rebouças, 2007)

Através da Lei Estadual Nº 2116 de 14 de novembro de 1958, Jussara foi elevada à categoria de município, desmembrando-se definitivamente da Cidade de Goiás.

A história de Jussara torna-se algo particular como em qualquer outra história de cidade, mas o que se destaca que a história desta cidade, fica restrita aos mitos familiares que se constroem ao longo deste processo de incrementação enquanto cidade. Sabe-se que Estevão Fernandes Rebouças foi o precursor deste movimento de fundação, mas que é digna de nota a participação dos “comuns” nesse processo. Criar um mito para justificar uma história, faz dela uma generalização, na qual a história torna-se uma única verdade.

É nesse sentido que o ensino de história local vem para possibilitar aos professores uma nova visão para se entender especificamente à história de cidade. Pois e através de elementos presentes na sociedade, sejam eles materiais ou imateriais que os alunos crescem tendo como referenciais, sejam eles monumentos, ruas, edifícios, casa, museus, histórias de famílias e tantos outros elementos que contribui para o estudo da história local. Neste caso da cidade de Jussara de forma concreta tem-se por ponto referencial o busto do Estevão Fernandes Rebouças na praça central da cidade como forma de atribuição da honra e da bravura na qual ele lutou por esta cidade. Mas e nesse ponto que Samuel chama a atenção:

A história local [...] encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas no campo. As categorias abstratas de classe social, ao invés de serem pressupostos, têm de ser traduzidas em diferentes ocupacionais e trajetórias de vidas individuais; [...] Os materiais básicos do processo histórico devem ser constituído de quaisquer materiais que estejam à disposição no local ou estrutura não se manterá. (SAMUEL, 1989, p. 220)

Então a história local está em qualquer lugar da cidade, principalmente nas particularidades dos sujeitos que compõe essa história social. Sujeitar a história de uma cidade apenas através da memória de famílias específica e querer negar e excluir outros sujeitos ocultos na sociedade que contribuíram para o processo de construção de uma sociedade. E nesse sentido o particular se torna fonte de pesquisa para historiadores e professores de modo geral. Principalmente para os professores que lidam com as dificuldades de ensinar a história local na sala de aula.

Mas a citação anterior chama atenção para isso no sentido de que tudo que se encontra na sociedade serve para estudar a história local. Há uma variação e fontes imensas o que se deve fazer e agir de forma metodológica e garimpar literalmente essas fontes a fim de que se possa transmitir aos alunos uma memória que até então está presa entre os laços familiares dos míticos fundadores.

Porque fazer com que os alunos reconheçam essas outras fontes históricas e a “história vista de baixo” como Hobsbawm que se perdem ao longo dos tempos em Jussara? Primeiro para ter um domínio satisfatório do que é um documento. Saber lidar com a noção do que é um documento e essencial para se desenvolver alunos críticos na sociedade, pois e através da indagação que se faz a fonte que se consegue problematizar documentos, leis e outros do presente, que faz com que os alunos reconheçam a história na atualidade.

Em segundo porque ao se analisar esse passado através das reminiscências que ainda lhe restam faz com que os alunos despertem o desejo com relação a conhecer o passado. Mas segundo Guimarães “a motivação deve, contudo, ultrapassar a satisfação da simples curiosidade, para fomentar um verdadeiro trabalho de investigação (GUIMARÃES, 2003, p.158)”. O que se propõe ao professor de forma didática é que não traga a história pronta e acabada, mas que ele traga vestígios da história local na qual o sujeito (aluno) possa pensar a partir de si como ele se identifica nessa história. Mas é claro que o professor tem que fazer com que os alunos sejam problematizadores da sua própria história.

Assim dentro do âmbito da história da cidade de Jussara o professor tem que agir de modo a fazer com que os alunos assumam um papel de investigador, procurando elementos na sociedade, na qual eles se identificam. Um ponto interessante é fazer com que os alunos percebam na fala dos mais velhos, o tom que essas reminiscências faz no discurso de procurar elementos particulares de cada indivíduo, mas que por sua vez se relaciona de forma direta com o todo.

A história oral no caso da cidade de Jussara se torna uma fonte riquíssima de pesquisa fazendo com que os alunos se identifiquem com os aspectos culturais presente na sociedade que remete a descendência de sujeitos vindos da Bahia, trazendo com sigo saberes e culturas ao longo do percurso e preservado-a. Pois segundo Pollak (1992) em “*Memória e identidade social*” os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade da sociedade fazem com que a pessoa sinta-se pertencentes a ela. E perceber elementos do cotidiano dos alunos no processo de construção da sua história, faz com que o ensino de história local e regional se torne prazeroso.

Conclui-se esse trabalho demonstrando o quão a história de Jussara está esquecida socialmente, mas ao mesmo tempo viva nos laços familiares dos envolvidos no processo de construção. Na qual cada família de maior destaque na história da cidade, tem a tendência de privilegiar a sua história na construção da narrativa deste processo de surgimento da cidade de Jussara. Visando assim a problematização da ideia de se pensar numa história local ensinada na sala de aula a partir da indagação das fontes matérias e imateriais, onde o sujeito na sala de aula passa a se colocar perante essa sociedade como investigador da sua própria história.

Questionando os vestígios deste passado e entendendo que a história da cidade de Jussara não se dá apenas pela figura do busto do Estevam Fernandes Rebouças na praça central, mas que é uma história construída a partir da particularidade dos costumes em comum de uma sociedade. Na qual o ensino de história local deve ser pensado a partir do professor que dará subsídios para a transmissão e problematizar essa história com intuito dos alunos se identificarem como sujeito direto e indireto da sua história social.

Referências

- BURKE, Peter. A Escrita da História – Novas Perspectivas. São Paulo,UNESP,1992.
- CALVACANTE, Lídia Eugenia. A memória como acervo. Infociênciа, São Luis, V.4, 2004, p. 52-57.
- FARIAS, Izilene Aparecida Rebouças; ARAÚJO, Marlene Soares de; SOUZA, Vicentina das Graças P. Diniz. Reconstruindo a história de Jussara. Monografia. Universidade Estadual de Goiás – UEG Unidade Universitária “Cora Coralina”, 2001
- GARCIA, Ledonias Franco. O diálogo entre dois tempos. In: Goyaz uma província do sertão. Goiânia: Cânone,2010, p.147-183.
- GUIMARÃES, Selva. O estudo de história local e a construção de identidades. In: Didática e prática de ensino de História. 12º ed. São Paulo: Campinas, Papirus, 2011,p.153-162.
- PERREIRA, Eliane M. C. Manso. O estado novo e a marcha para o oeste. História Revista, 2(1), Jul. 1997, p. 113-129.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n.3, 1998, p. 3-15.
- _____ Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 5, nº10, 1992, p. 200-2012.
- HOBBSBAWM, Eric. A história de baixo para cima. In: Sobre a história. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 216-231.
- SAMUEL, Raphael. Documentação História Local e História Oral. Revista Brasileira de História. São Paulo: V.9 nº 19,1989, p. 219-243.
- THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre história oral e as memórias. Projeto História. São Paulo, (15), abr, 1997.

FONTES ORAIS

Aurelina de Sousa Moreira 23 de outubro de 2012

Saluciano Brito Neto 01 de julho de 2013

FONTE FITA DE VHS

Manoel Rebouças – Entrevista realizada pelos alunos do 5º ano do Colégio Estadual Jandira Ponciano dos Passos em 2007.